

2 Introdução

A rapidez das mudanças tecnológicas pode ser considerada uma das marcas mais expressivas deste início de século e do imediatamente anterior. A sucessão destas mudanças, numa velocidade sempre crescente, gera efeitos que se multiplicam em todos os campos da experiência humana em todo o planeta.

O século XIX, com a Revolução Industrial, foi marcado por grandes transformações com a incorporação e a aplicação de novas teorias científicas que levaram ao domínio e à exploração da eletricidade em diversas atividades da sociedade da época: nas usinas termelétricas, nos veículos automotores, nas fundições e em outras inovações fundamentais como os meios de comunicação de massa – o rádio, o telégrafo sem fio, o cinema e a fotografia, entre outras.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, no século seguinte, as mudanças do período pós-industrial foram ainda mais intensas marcadas pela produção e a sofisticação dos equipamentos surgidos em função da guerra, com o crescimento dos setores de comunicação, informação e serviços. Esta corrida tecnológica foi fortemente incrementada pelos blocos capitalistas e socialistas, oponentes no contexto da chamada Guerra Fria

No momento atual, o século XXI, uma característica marcante é que a rapidez das inovações tecnológicas acontece numa escala sem precedentes impulsionadas pelas possibilidades da denominada Revolução Digital.

Os usos em expansão da rede de computadores, a Internet, e a cultura gerados em torno dela, criaram possibilidades de relações sociais de grande impacto tanto em termos econômicos, quanto políticos ou educativos, de maneira local e global, gerando novos espaços de poder relacionados ao conhecimento.

As chamadas Tecnologias da Informação e da Comunicação – TICs – computadores, telefones celulares, os chips e microchips, os cabos de fibra ótica, câmeras e tvs digitais etc – vêm transformando a vida de uma boa parte da população mundial passando a integrar o seu cotidiano, adquirindo até o status de eletrodomésticos, tamanha a disseminação alcançada.

A primazia da comunicação na forma de viver contemporânea tem gerado constantes mudanças em todas as esferas sociais. Os ritmos de vida aceleraram-se

e somos bombardeados a todo o momento por um número infindável de estímulos visuais e sonoros que tentam captar a nossa atenção.

Vários autores, como David Harvey, Zygmunt Bauman e Richard Sennett, interpretam o momento presente como resultante de transformações na ordem econômica, enfatizando o modo de produção capitalista como determinante das transformações atuais. Para eles, a complexidade e a fragmentação da época contemporânea não excluem, embora pareça paradoxal, uma historicidade e uma lógica global de compreensão. Gostaria de falar, sobre suas idéias, uma vez que servem de base teórica, em vários momentos deste trabalho.

David Harvey em seu livro “A Condição Pós-Moderna” (1989), argumenta que uma mudança importante nas práticas culturais e político-econômicas, vem acontecendo desde 1972, aproximadamente. Tal mudança vincula-se às novas maneiras dominantes de experimentarmos o tempo e o espaço. Para ele, “há algum tipo de relação necessária entre a ascensão de formas culturais pós-modernas, a emergência de modos mais flexíveis de acumulação do capital e um novo ciclo de ‘compressão do tempo-espaço’ na organização do capitalismo” (ibid, p.7).

Harvey considera que existe uma ruptura histórica entre a Modernidade e a Pós-Modernidade. Pode-se dizer que essa posição é partilhada por outros teóricos, como Bauman, por exemplo, no entanto, ela está longe de ser unânime dentro do amplo quadro de conhecimentos contemporâneo. Outras correntes teóricas criticam esse pressuposto de ruptura histórica e elaboram outras categorias para a compreensão dos fenômenos atuais.

A total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico é o fato mais marcante do pós-modernismo, na visão de Harvey. Esta posição dá-se em detrimento de uma concepção de solidez e de eterno na visão de mundo. Para ele, o movimento pós-modernista visa a desconstrução e deslegitimação de toda a argumentação de base racional já estabelecida. Deste modo, há a negação de qualquer tipo de “metateoria capaz de apreender os processos político-econômicos (fluxos de dinheiro, divisões internacionais do trabalho, mercados financeiros etc), que estão se tornando cada vez mais universalizantes em sua profundidade, intensidade, alcance e poder sobre a vida cotidiana” (ibid, p.112).

Diante da impossibilidade de representação unificada do mundo, como querem os pós-modernistas, diz Harvey, como agir coerentemente perante ele?

questiona. A resposta pós-moderna, diz com ironia, é: “(...) sequer deveríamos tentar nos engajar em algum projeto global. O pragmatismo se torna então a única filosofia de ação possível” (ibid, p. 55).

Traçando um histórico das transformações dos modos de produção na sociedade capitalista, ele argumenta que os usos e os significados do espaço e do tempo mudaram radicalmente com a transição do fordismo, em épocas passadas, para a acumulação flexível. Atualmente, vivemos sob uma intensa fase de compressão do tempo-espaço que tem mostrado um efeito desorientador sobre as práticas político-econômicas e sobre a vida social e cultural.

O domínio do tempo e do espaço como fontes de poder social é um dos aspectos discutidos pelo autor, cujo argumento geral é que, “nas economias monetárias em geral e na sociedade capitalista em particular, a interseção do domínio sobre o dinheiro, o tempo e o espaço forma um nexos substancial de poder social que não podemos nos dar ao luxo de ignorar”(ibid, 1989,p.207).

Zygmunt Bauman, (1997, 1998) é um dos maiores teóricos da atualidade e tem como foco central de suas análises o papel do consumo como fator de referência e organização da sociedade contemporânea. Para ele, é em torno da capacidade e do desejo de consumir que os indivíduos, hoje, organizam-se. Esta seria uma marca distintiva em relação à época moderna, em que a ênfase das relações entre os indivíduos estava centrada mais na produção de bens, do que na sua posse. A tecnologia digital seria, então, mais uma fonte de consumo. A possibilidade de consumir aumentou exponencialmente com a interconexão mundial de computadores, a Internet. A rede mundial põe à disposição uma imensa quantidade de informação, que, atualmente, passa a ser um bem tão ou mais valorizado que os bens materiais. Esta informação circulante é rapidamente consumida, não importando onde foi gerada ou onde será recebida.

Novas formas de exclusão social são, então, criadas na medida em que um grande contingente de indivíduos não participa do processo. Bauman, assim como Harvey, entende que, da maneira como está estruturado, o desenvolvimento tecnológico vem aprofundando as desigualdades sociais, uma vez que se cria um enorme fosso entre os que têm acesso às novas tecnologias digitais e os que não têm. Vivemos então em uma sociedade dual.

O autor em “O Mal-Estar da Pós-Modernidade” (1997), reflete sobre os anseios e a busca de satisfação dos indivíduos de hoje, num mundo vivido como incerto e assustador. Para ele, a marca distintiva desta fase é a “vontade de liberdade”. Há algum tempo atrás, na época moderna, as inquietudes das pessoas provinham de uma certa sensação de segurança, mas sem liberdade; por outro lado, “os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais” (ibid, p.10). A realidade pós-moderna traduz-se, para o autor, em um mundo consumista, desregulamentado e privatizado. Em “Globalização- As Conseqüências Humanas” (1998), ele diz que embora as ações humanas agora se dêem em escala global, não há um centro de referência, de controle. Segundo Bauman, o termo ‘globalização’ refere-se muito mais à um caráter indeterminado e indisciplinado dos assuntos mundiais, que se auto-regula, sem um centro de comando. Indica mais os efeitos não previstos e não pretendidos, que as iniciativas e empreendimentos globais.

Os efeitos do novo capitalismo, baseado no princípio do “sem comprometimento a longo prazo”, são mostrados na obra de Richard Sennett, “A Corrosão do Caráter – conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo” (1999). Neste trabalho Sennett revela o forte contraste entre o antigo mundo do trabalho e o atual. Para ele, antes havia a rigidez das hierarquias nas organizações e o mais importante era o senso de caráter pessoal, que, nos tempos atuais, vem desaparecendo a cada dia. Hoje, este mundo do trabalho é dominado pela reengenharia das corporações, onde estão presentes algumas características como o risco, flexibilidade, trabalho em rede e as equipes que fazem o trabalho juntas, mas só por um curto espaço de tempo, pois têm que estar preparadas para assumir novas tarefas a todo instante. Para Sennett, o trabalho, assim estruturado não favorece uma organização coerente para a vida das pessoas, que necessitam de virtudes estáveis como lealdade, confiança, ajuda mútua. Na falta delas, sobra a deterioração do caráter, esta é a tese defendida pelo autor.

O tempo relacionado às novas configurações de trabalho no novo capitalismo também são objeto de análise do autor. Para ele, os novos arranjos organizacionais, enfatizando a flexibilidade, o risco, o trabalho em rede durante curtos espaços de tempo, a alta rotatividade de empregados sempre em busca de atualização, impede as pessoas de construir uma narrativa coerente para suas

vidas. É a dimensão do tempo no novo capitalismo, e não a transmissão de dados “high-tech”, os mercados de ação global ou o livre comércio, o fator que mais diretamente afeta a vida emocional das pessoas fora do local de trabalho. A nova ética do trabalho não vem mais conferindo importância à experiência acumulada de vida. “Um dos motivos para essa superficialidade degradante é a desorganização do tempo. A seta do tempo se partiu; não tem trajetória numa economia política continuamente replanejada, que detesta a rotina, e de curto prazo” (ibid, p.117).

Por sua vez, as novas tecnologias da escrita e recepção de textos trouxeram um novo significado para os atos de “ler” e de “escrever”. O correio eletrônico, os sites de busca, o hipertexto vêm introduzindo mudanças profundas e aceleradas na maneira de nos comunicarmos e recebermos informações. Novas escritas e novas leituras são incorporadas ao nosso fazer diário a partir da tecnologia dos computadores pessoais e da internet.

Diante deste quadro não são poucos os que se dedicam ao estudo destas transformações e do seu alcance e efeitos sobre os indivíduos. Ao se fazer um levantamento dos trabalhos que tratam do tema, podemos encontrar uma ampla e variada relação de estudos a respeito, tanto de pesquisadores estrangeiros quanto nacionais.

O trabalho que agora proponho segue essa linha de estudos. Nasceu do interesse de entender como o uso desta nova tecnologia, o computador pessoal e a internet vêm afetando o cotidiano de trabalho dos professores universitários, no que diz respeito, principalmente, às suas práticas relativas à leitura e a escrita. Que mudanças estão ocorrendo? Como eles vêm lidando com estas transformações? Vale dizer que estas indagações tiveram seu início alguns anos atrás, no âmbito de um programa de investigação sobre questões relativas à leitura, escrita e formação do leitor, coordenado pela Profa. Tania Dauster nesta universidade. Fiz parte deste grupo de pesquisa desde o ano 2000, inicialmente como bolsista CAPES no mestrado, depois como bolsista apoio técnico da FAPERJ e agora, por último, como bolsista do CNPq no doutorado. Ao longo deste período foram realizadas sucessivas pesquisas voltadas ao tema, sendo que, na última investigação da qual participei (concluída em 2005), nosso foco de interesse foram os professores e a transmissão da cultura letrada na universidade. Na ocasião pudemos perceber, entre outras questões, que convivem neste espaço acadêmico tanto as práticas de

leitura/escrita relativas á cultura dos manuscritos e impressos, quanto aquelas ligadas à cultura eletrônica. Tal convivência, todavia, nem sempre se dava de maneira harmoniosa, e as representações sobre elas, mostraram variações no interior do grupo de professores entrevistado.

Foi a partir destes achados da pesquisa institucional que percebi o surgimento de um campo a ser melhor investigado, incorporando novas questões ao problema, como por exemplo: O que mudou nas relações de trabalho com a entrada do recurso digital? E com relação aos usos do tempo para ler e escrever?

Gostaria de salientar dois aspectos relacionados a este estudo: o primeiro é que optei por investigar o meu próprio ambiente acadêmico, dirigir meu olhar para dentro da universidade onde estudo e circulo quase todos os dias. Será um esforço no sentido de “estranhar” o familiar, conforme diz G. Velho (1978). O segundo aspecto diz respeito ao grupo de professores entrevistados. Achei que seria mais representativo para os fins deste estudo, colher os depoimentos de professores que já estavam lecionando na universidade antes da chegada dos computadores aos seus departamentos, assim, eles teriam como falar de um antes e depois da entrada desta tecnologia.

Organizei da seguinte forma, a estrutura de apresentação deste trabalho:

Inicio com o texto intitulado “Na Vertigem Digital”, cujo objetivo é mostrar um pouco do “caos” informacional da rede, ou seja, algumas das inúmeras situações ligadas ao uso da Internet como: plágio e autoria na rede; tipos de linguagem e novos gêneros textuais próprios do ciberespaço, o excesso de informação etc.

Em seguida faço a Introdução propriamente dita: apresento os capítulos da tese e as idéias de David Harvey, Zygmunt Bauman e Richard Sennett sobre a influência das condições de produção do sistema capitalista no momento histórico contemporâneo.

No primeiro capítulo, intitulado “As Novas Tecnologias da Informação, a Leitura e a Escrita”, apresento as idéias de Pierre Lévy e Manuel Castells que discutem o papel das tecnologias da informação nas transformações da sociedade contemporânea, bem como as idéias de Roger Chartier e outros autores ligados à História Cultural sobre representações e práticas de leitura e escrita.

No segundo capítulo, chamado “Os Professores e as Novas Tecnologias do Saber”, inicialmente lanço um olhar sobre a produção acadêmica atual voltada

para o tema Internet e Educação de uma maneira mais geral, em seguida, dou especial destaque aos trabalhos voltados para o professor e a Internet, uma vez que este será o meu foco de investigação. No mesmo capítulo, mostro os antecedentes desta tese, a pesquisa institucional preliminar de onde surgiram as questões com as quais, agora, irei trabalhar.

A seguir, no terceiro capítulo, intitulado “Entrando em Campo: a Questão, o Contexto Físico e Social, os Sujeitos e os Procedimentos”, apresento o trabalho de campo propriamente dito: a questão a ser examinada, o contexto onde foi realizada a pesquisa, as entrevistas preliminares para a confecção do roteiro de perguntas, o perfil dos professores entrevistados e a metodologia utilizada na análise dos dados.

No quarto capítulo “As Práticas Leitoras e Escritoras Hoje: O Que Dizem Os Professores” passo à apresentação e análise teórica de todo o material colhido nas entrevistas junto aos professores.

Em “Tentando Preservar Valores e Autonomia em Meio às Transformações”, como conclusão, exponho as principais idéias suscitadas após a realização deste estudo.

Constam, ao final, bibliografia e anexos, com o roteiro das entrevistas e uma das entrevistas realizadas.